

ESTUDOS DE USO DE PP (PORTUGUÊS-PADRÃO) E PNP (PORTUGUÊS NÃO PADRÃO) NO DISCURSO DOCENTE DA UEMG – UNIDADE FRUTAL – MG⁵⁴

Letícia Elias Costa⁵⁵
Prof. Dr. Marcelo Pessoa⁵⁶

RESUMO: O presente trabalho se debruça sobre as questões sociolinguísticas relacionadas ao problema das variáveis linguísticas. Temos por contexto, o falar docente de uma das salas de aula do curso de Comunicação Social, da UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Frutal. Adotamos por conduta de pesquisa, realizar gravações de áudio, entrevistas estruturadas, decupagem e tratamento de dados transcritos numa planilha, apondo os resultados em gráficos, agrupando neles as ocorrências quantitativas e qualitativas da frequência das variáveis linguísticas empregadas pelos docentes. A situação-problema revelou-se, ao coletarmos e analisarmos as amostras dos falares docentes em sua prática didática. Nisso, observou-se que o nível de compreensão destes falares por parte do alunato revelava divergência entre intenção do falante e percepção do receptor. Assim, sob uma perspectiva sociolinguística, delimitando as variantes linguísticas predominantes no afazer docente, tal como sua contribuição para segmentar ou não seus interlocutores e seus conteúdos ministrados, decidimos investigar o teor de compreensão que os interlocutores têm do processo didático.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade, Português-padrão, Português não padrão, Sociolinguística

ABSTRACT: The present work deals with the issues related to the problem of sociolinguistics linguistic variables. For context, the talk of one of the classrooms of the Social Communication course, UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal. Adopt for research conduct, performing audio recordings, structured interviews, playswithmatches and transcribed data in a worksheet, appending the results in charts, grouping them quantitative and qualitative occurrences of frequency of linguistic variables employed by teachers. The situation-problem was revealed, to collect and analyze samples of talking to teachers in their educational practice. It noted that the level of understanding of these speak for the most part revealed differences between the speaker's intention and perception of the receiver. Thus, under a sociolinguistic perspective, delimiting the linguistic variants prevalent in doing, as its contribution to segment or not his interlocutors and their content delivered, we decided to investigate the level of understanding that the interlocutors have of the didactic process.

KEYWORDS: Orality, Portuguese, Portuguese, Sociolinguistics

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta, em linhas gerais, o estudo de algumas gravações e transcrições de falares docentes em sala de aula. Para este efeito,

⁵⁴ As bases deste texto foram esboçadas por meio do fomento à pesquisa dado à Autora pela Bolsa de Iniciação Científica – CNPq (2013).

⁵⁵ Graduada em Comunicação Social pela UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Frutal.

⁵⁶ Docente na UEMG, Unidade Frutal. Pesquisador Bolsista CAPES/FaPP/UAB (2015). Desenvolve Projeto de Pesquisa com o apoio da UEMG e do Estado de Minas Gerais, via prêmio de fomento à pesquisa docente obtido por meio do Edital PAPq 08/2015.

empregou-se o aporte teórico da sociolinguística, especialmente quando este nos fala sobre a maneira com que a variedade linguística pode contribuir para estigmatizar ou segmentar um indivíduo ou um grupo de pessoas, a partir da detecção da ocorrência de outros usos que certa variedade mais ou menos culta da Língua Portuguesa pode sugerir.

Ao lado disso, é sabido que o texto oral tem suas próprias características e a escrita não consegue ser a representação fiel de suas intenções de enunciação. Isto ocorre, visto que a escrita não detém os mesmos recursos de fluência expressiva os quais a oralidade lança mão, tais como os efeitos onomatopaicos ou os fenômenos metafóricos e de ilusão da psique humana.

Ao apontarmos, então, para uma ou outra opção da variedade linguística oriunda da oralidade da língua, só o fizemos por que tivemos a oportunidade de verificar a frequência da utilização (presentes nas tabelas 01, 02 e 03) do **PP** (português-padrão) e do **PNP** (português não padrão) numa sala de aula do Curso de Comunicação Social, ofertado pela UEMG, Unidade Frutal.

Desse modo, foi empreendido um estudo sistemático de bibliografia sobre linguagem, meios de comunicação de massa, de cultura e de linguística, com enfoque prioritário à obra de Bagno (2003). Tais leituras e pesquisas foram aplicadas às gravações feitas em sala de aula e às suas posteriores transcrições.

Nesta obra basilar (BAGNO, 2003), intitulada *A Língua de Eulália* – novela sociolinguística, o autor nos apresenta uma série de contextualizações sobre os estudos linguísticos e os diversos usos e variedades da língua portuguesa, os quais são muito úteis e relevantes para a compreensão que precisávamos obter sobre os modos de produção, segmentação de público, produção de sentido e eventual estigmatização de conteúdos e ou de interlocutores a partir de um uso específico da Língua Portuguesa.

Vale dizer aqui que, para maiores esclarecimentos acerca do motivo pelo qual os docentes e discentes fazem uso de uma ou outra variante linguística, recorreremos ao suporte da entrevista estruturada. Tal escolha deu-se, devido ao fato de que esta modalidade de entrevista nos possibilita ao

pesquisador resultados pragmáticos e eficientes, à luz do fato de que: “As vantagens da entrevista estruturada estão ligadas à padronização das questões e, conseqüentemente, à grande facilidade em classificá-las” (GRESSLER, 2004, p. 165).

Convém lembrar que, para estudarmos a variação linguística sob o recorte detectado no resumo deste artigo, separamos como sujeitos de pesquisa as aulas de três dos professores do Curso de Comunicação Social, professores estes que responderam a entrevista, tiveram suas falas gravadas, transcritas e analisadas, pois: “Para “visualizar” as características do texto falado, existe a transcrição, que nada mais é do que “a fala passada a limpo” através da escrita” (FLÔRES; SILVA, 2005, p. 42).

Assim, na primeira seção deste *paper*, traçamos uma breve exposição sobre a sociolinguística de Bagno (2003), dando especial destaque ao ponto que particularmente nos interessa na obra deste autor.

Na segunda seção, apresentamos ao leitor os questionários estruturados. E, na parte final, realizamos o tratamento dos dados e inscrevemos logo em seguida nossas referências bibliográficas.

A SOCIOLINGUÍSTICA COMO DISCURSO

A língua escrita é uma *representação simbólica* da língua falada, mas “é preciso uma ortografia única para toda [a representação escrita da língua – **grifo nosso**], para que todos possam ler e compreender o que está escrito” (BAGNO, 2003, p. 104).

No Brasil, a Academia de Letras é quem estabelece essa ortografia oficial, propondo uma maneira única de escrever as palavras, mas, apesar desta normatização, não existe nada como o que se possa controlar ou limitar as diversas maneiras e falares do português. Disso, decorre que a norma padrão balizada pela escrita se constitui de um vocabulário maior do que aquele que se manifesta pela oralidade. A escrita, também, é mais diversificada, tem mais termos técnicos e palavras eruditas, mas isso não

torna, por oposição, o português não padrão uma forma não adequada de se falar.

O **PP**, ao seu turno, tem grande prestígio social, mas não pode ser designado como a única forma legítima e correta de falar, as demais variedades do português não são, por isso, consideradas inadequadas, erradas ou deficientes, são diferentes, pois, tudo que *parece erro* no **PNP** tem uma explicação lógica, científica e é possível encontrar os mesmos “erros” que vemos no nosso **PNP** em outras línguas.

Ademais, existem os “erros” que compreendem, dentre outros fenômenos de linguagem, os *arcaísmos*, ocorrências linguísticas representadas, por exemplo, por “aqueles vestígios da língua portuguesa que já não existem nos dias de hoje” (BAGNO, 2003).

Há um consenso entre os pesquisadores da Língua Portuguesa em afirmar, que nunca existiu uma unidade linguística no Brasil e, dentro das diversas regiões que o compõe, convivem diversas formas de se falar o português, e cada falante, por sua vez, tem sua própria língua:

O que caracteriza um falante culto é justamente essa facilidade que ele tem de mudar de *registro*, como se diz na Linguística. Ele pode passar tranquilamente por todo o espectro de variedades, por todo o *continuum*, conforme lhe pareça mais adequado às suas intenções comunicativas (BAGNO, 2003, p. 165).

A linguagem se diferencia quando é falada por um homem ou uma mulher, por uma criança ou um adulto e quando em determinadas situações de descontração ou ambiente formal, o mesmo falante pode optar por fazer uso da forma padrão, não padrão ou as duas formas.

CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS DOCENTES E DISCENTES

A entrevista representada pelos gráficos 01, 02, 03, 04 e 05 foi aplicada a um corpo de 23 alunos, do 7º período de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, e em três professores que lecionam nesse mesmo curso e período, a saber.

QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA ESTRUTURADA (CORPO DOCENTE)

1) Você tem consciência de quais variantes linguísticas (**PP** – Português-Padrão e **PNP** – Português não padrão) você utiliza durante as aulas?

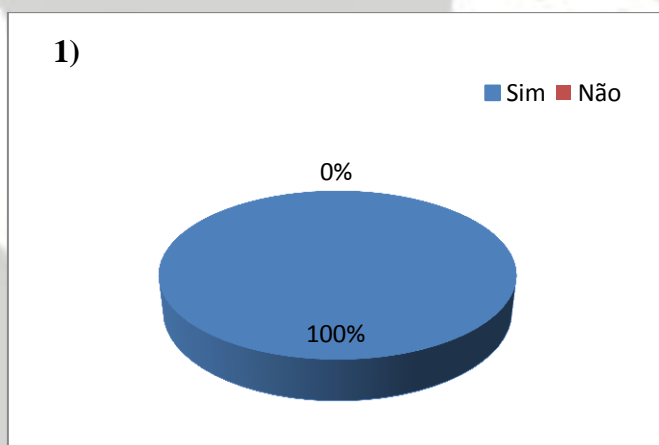


Gráfico 01

2) Você acredita que as variantes linguísticas **PP** e **PNP** podem ajudar na compreensão dos alunos no conteúdo ministrado em sala de aula?

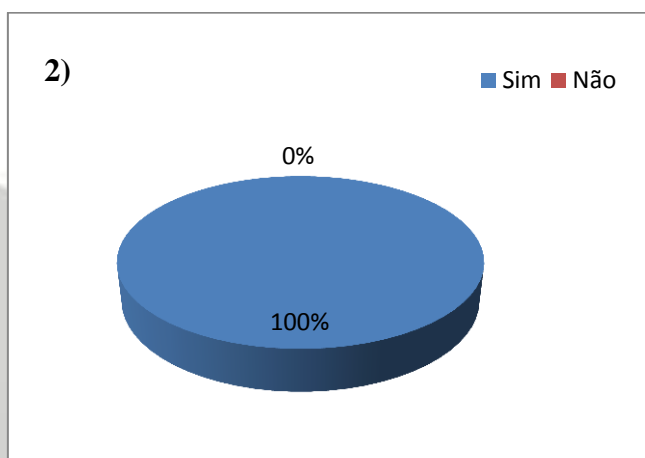


Gráfico 02

QUESTIONÁRIO ENTREVISTA ESTRUTURADA (CORPO DISCENTE)

1) O vocabulário, representado por cada palavra usada pelo professor, é individualmente entendido?

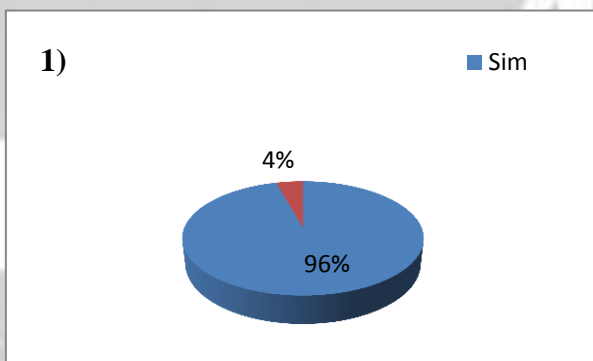


Gráfico 03

2) Todas as palavras usadas pelo professor ou os assuntos são inteligíveis?

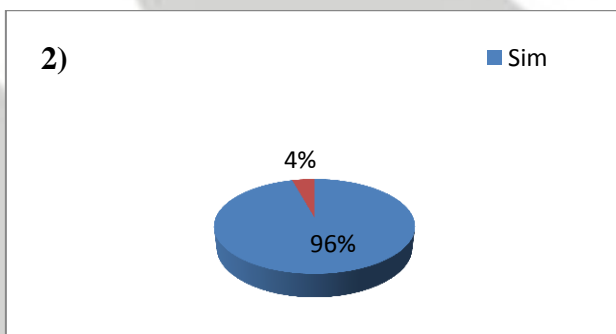


Gráfico 04

3) O uso da variedade linguística, compreendida sociolinguisticamente como **PP** – português-padrão (coloquial/informal) e **PNP** – português não padrão (informal), ajuda em sua compreensão dos conteúdos ministrados em sala de aula?

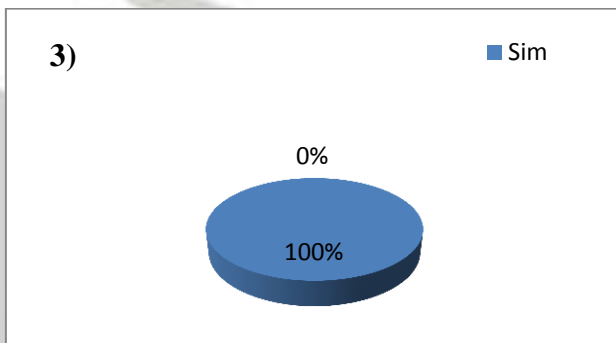


Gráfico 05

TRATAMENTO DE DADOS

Realizamos uma transcrição literal das falas coletadas, a fim de darmos mais substância para a construção das análises e ao tratamento dos dados. Assim, a partir de uma abordagem metodológica amparada na técnica da triagem, dividimos nosso trabalho de decupagem/transcrição em três níveis:

- a) coleta e identificação de “ruídos” na comunicação, os quais foram identificados no texto entre parêntesis ();
- b) coleta e identificação de dados em cruzamento com as inferências do pesquisador, os quais foram identificados no texto entre colchetes []; e,
- c) coleta, identificação e tratamento de dados de palavras com variantes linguísticas, os quais foram identificados e postos entre chaves { }.

Os Ruídos identificados foram, em geral, perguntas feitas pelos alunos ao entrevistador, bater de porta e hesitação ao falar. Para uma leitura mais dinâmica, então, foi padronizada a hesitação do professor como Hesitação maior (H); Hesitação menor (h), Bater de porta (B).

As gravações das 03 (três) aulas renderam, em média, 50 minutos cada, e suas respectivas transcrições, de 11 a 13 páginas transcritas, perfazendo um total de 37 páginas. Desse modo, verificou-se que este montante não caberia no presente artigo (mesmo como Anexo), nem mesmo como apêndice. Para uma demonstração das transcrições, portanto, optamos pelo recurso que segue abaixo, dando a conhecer ao leitor um pequeno trecho da fala transcrita do professor 01:

[...] Era o seguinte. Essa, isso aqui é a rede Ceasers Park, que é uma rede de hotéis (h) de luxo. Uma rede mundial de hotéis e aí era uma concorrência {porque} eles iam abrir um (h) uma unidade em Ribeirão Preto. Então eles abriram concorrência só entre agências de Ribeirão Preto. E foi terrível {fazê} esse trabalho, foi muito difícil (Professor 01).

Foram extraídas do discurso dos três docentes, palavras que sofreram algum tipo de variedade linguística e demais fenômenos no uso do português

não padrão. Entre chaves { } agrupamos as principais ocorrências nas falas dos três personagens que foram utilizadas no lugar do português padrão. Estes grupos linguísticos foram tratados à luz dos conceitos encontrados no livro *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno.

A partir do resultado presente nas entrevistas quantitativas, nos foi possível notar que todos os professores têm consciência do uso das variantes linguísticas de **PP** e de **PNP**. Vimos, também, que eles estão certos de que esse uso pode ajudar na compreensão dos alunos. Tal como todos os alunos acreditam que o uso dessa variedade ajuda em sua compreensão dos conteúdos ministrados em sala de aula.

A eliminação do *R* final das palavras é uma tendência que a oralidade da língua tem de terminar toda palavra sempre com uma vogal:

{Continuá} a invés de Continuar
{Dá} a invés de Dar
{Fazê} a invés de Fazer

A diminuição de uma palavra ou frase chama-se *contração* e acontece quando uma expressão é muito usada, muito frequente em uma fala acelerada:

{Xô} ao invés de Deixa eu
{Prum} ao invés de Para um

Em situações informais, ambiente descontraído, ou em uma fala mais acelerada, é comum que usemos a *assimilação*. Um exemplo disso dá-se quando se pronunciam os verbos no gerúndio com a terminação *NO* no lugar de *NDO*. Ou quando há uma transformação de *MB* em *M*:

{Estudano} ao invés de Estudando
{Tamém} ao invés de Também

Quando as vogais *E* e *O* são pronunciadas de maneira mais fraca, soam como um *I* e um *U*, o que chamamos de *redução* de *E* e *O* átonos pretônicos:

{Isquicí} ao invés de Esqueci
{Pudia} ao invés de Podia

Diante de algumas consoantes pode-se ocorrer a *monotongação*, que quer dizer dois sons que se transformaram num só:

{Caxa} ao invés de Caixa
{Baxa} ao invés de Baixa

A redução do ditongo *OU* em *O* também é *assimilação*, mas, por se tratar de redução de duas vogais, também pode ser chamado de *monotongação*:

{Explicô} ao invés de Explicou
{Carregô} ao invés de Carregou

No caso da palavra {Impidi}, além da eliminação do *R* final ocorre o que chamamos de *redução*, que acontece quando as vogais *E* e *O* são pronunciadas de maneira mais fraca, soando como um *I* e um *U*:

{Impidi} ao invés de Impedir

A tendência que a língua tem de terminar toda palavra com uma vogal também se aplica aqui. Acima mostramos a eliminação do *R* final, nesse caso, ocorre a eliminação ou a *contração* do *S* final:

{Vamo} ao invés de Vamos

Além do fenômeno chamado *redução*, que acontece quando a vogal *E* é pronunciada de maneira mais fraca, soando como um *I* o *S* acrescentado na palavra {Dispois} é a sobrevivência de uma forma antiga que mais se aproxima do latim “*Despois* (“depois”) vem de *de ex post*” (BAGNO, 2003, p. 124). O que chamamos de arcaísmo:

{Dispois} ao invés de Depois

VARIANTES LINGUÍSTICAS	OCORRÊNCIAS	48 PALAVRAS = 100%
<i>Eliminação do R final</i>	20	41,7%
<i>Contração</i>	07	14,6%
<i>Assimilação</i>	06	12,5%
<i>Assimilação e Monotongação</i>	09	18,7%
<i>Monotongação</i>	01	2,1%
<i>Redução de E e O</i>	05	10,4%

Tabela Professor 01

VARIANTES LINGUÍSTICAS	OCORRÊNCIAS	82 PALAVRAS = 100%
<i>Eliminação do R final</i>	49	59,7%
<i>Contração</i>	13	15,9%
<i>Assimilação</i>	01	1,2%
<i>Assimilação e Monotongação</i>	14	17,1%
<i>Monotongação</i>	03	3,7%
<i>Eliminação do R final e Redução de E e O</i>	01	1,2%
<i>Eliminação do S final e/ou Contração</i>	01	1,2%

Tabela Professor 02

VARIANTES LINGUÍSTICAS	OCORRÊNCIAS	92 PALAVRAS = 100%
<i>Eliminação do R final</i>	53	57,6%
<i>Contração</i>	17	18,5%
<i>Assimilação e Monotongação</i>	13	14,1%
<i>Monotongação</i>	08	8,7%
<i>Redução e Arcaísmo</i>	01	1,1%

Tabela Professor 03

CONCLUSÃO

Deparamo-nos, ao longo da pesquisa, com a necessidade de elaborar e aplicar uma entrevista estruturada, a partir da qual se pudessem verificar os modos com que os diferentes atores envolvidos no processo didático em foco percebem a linguagem e se percebem como usuários e/ou interlocutores das variantes linguísticas.

Talvez seja esse o motivo pelo qual os discentes fazem uso da variante linguística de menor prestígio social, quando acreditam que é a forma mais adequada de tornarem-se inteligíveis uns aos outros.

Se considerarmos os dados tratados nas tabelas 01, 02 e 03 é possível notar que a variante do **PNP** foi bem mais marcada pela utilização, por parte de todos os professores, da *Eliminação do R final*.

Outra característica semelhante encontrada neste segmento foi a *Contração* que aparece quando uma expressão é muito usada, muito frequente em uma fala acelerada, típico de discursos longos. Nas demais variantes, cada um dos discursos apresenta frequências e características individuais.

Fato que, se não chega a ser uma tragédia linguística, transformando a sala de aula numa Babel, ao menos contribui para que os atores envolvidos no processo didático tenham, no mínimo, dificuldades de comunicação num ou noutro momento das aulas.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *A Língua de Eulália: novela Sociolinguística*. São Paulo: Editora Contexto, (12ªEd.), 2003.
- FLÔRES, Onici; SILVA, Mozara Rossetto. *Da oralidade à escrita, em busca da mediação multicultural e plurilinguística*. Editora ULBRA Canoas (1ª Ed.), 2005.
- GRESSLER, Lori Alice. *Introdução à pesquisa: projetos e relatórios*. São Paulo: Editora Loyola, (2ª Ed.) 2004.